



Motivos bíblicos em Sultana Levy Rosenblatt

Biblical motifs in Sultana Levy Rosenblatt

Alessandra Fabrícia Conde da Silva*

Universidade Federal do Pará (UFPA) | Belém, Brasil
afcs77@hotmail.com

Maria Nadiane Simões da Silva**

Universidade Federal do Pará (UFPA) | Bragança, Brasil
mnsds.mnsds@gmail.com

Resumo: Este artigo volta-se para o estudo da presença de motivos bíblicos em alguns contos de Sultana Levy Rosenblatt, sendo eles: “As aventuras de Jonas” (2001), “David e Golias” (2002), “A história da rainha Esther” (2002), “O segredo de Sansão” (2005) e “E Michal amava David” (2006). A escritora paraense nasceu em uma família de judeus sefarditas, e, em seus textos literários, é possível perceber ecos das duas culturas que constituem sua trajetória de vida: a amazônica e a judaico-marroquina. Suas narrativas, em geral sinalizam, insistentemente, traços bíblicos, dialogando com uma antiga tradição judaica, em que se produz a partir de narrativas bíblicas, denominada de *Midrash*. Nesse sentido, este trabalho procura investigar a presença de motivos bíblicos e como foram inseridos nas obras referenciadas, isto é, como foram tematizados, levando em consideração os apontamentos de Raymond Trousson (1988), Wolfgang Kayser (1976), Rifca Berezin (1997), dentre outros.

Palavras-chave: Sultana Levy Rosenblatt. Contos. Motivos.

Abstract: This article focuses on the study of the presence of biblical motifs in some stories by Sultana Levy Rosenblatt, such as: “As aventuras de Jonas” (2001), “David e Golias” (2002), “A história da rainha Esther” (2002), “O segredo de Sansão” (2005) and “E Michal amava David” (2006). The writer was born into a family of Sephardic Jews, and in her literary work sechoes of the two cultures that constitute her trajectory can be perceived: Amazonian and Jewish Moroccan. Her narratives generally signal biblical traits, dialoguing with an ancient Jewish tradition, which is based on biblical narratives, called *Midrash*. In this sense, this work seeks to investigate the presence of biblical motifs and how they were inserted into the referenced works, that is, how they were thematized, taking into consideration the comments by Raymond Trousson (1988), Wolfgang Kayser (1976), and Rifca Berezin (1997), among others.

Keywords: Sultana Levy Rosenblatt. Short Stories. Motifs.

* Professora da Universidade Federal do Pará.

** Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará.



Introdução

Dentre os diversos escritores judeus naturais ou radicados na Amazônia encontra-se Sultana Levy Rosenblatt. Ela nasceu em Belém, capital paraense, em 1913 e faleceu em 2007, nos Estados Unidos. Foi autora de contos, crônicas, romances e peças teatrais. Rosenblatt nasceu em uma família de judeus marroquinos que, em meados do século XIX, migraram para terras amazônicas, esperando encontrar melhores condições de vida e liberdade religiosa, como consta na crônica autobiográfica *Como viemos parar na Amazônia* (2000).

Em seus escritos literários, Rosenblatt faz recorrentes menções ao texto bíblico, dialogando com a prática literária do *Midrash*, que consiste em aditar matéria narrativa a textos bíblicos, de maneira que serão recontados, poetizando o conteúdo original.¹No romance *Uma grande mancha de sol*, publicado em 1951, mencionam-se algumas passagens e personagens da Bíblia² como o rei Salomão, por exemplo:

Lembrava-se de uma lenda sobre o rei Salomão, pela qual lhe teriam perguntado qual a maior dádiva de Deus para o homem e o rei sábio respondera: ‘um bom coração’.³ Cita-se ainda o mais conhecido dos casais do Antigo Testamento, conforme se lê a seguir: (...) Muitas vezes se perguntara que cara teriam feito Adão e Eva, quando a primeira mãe deu à luz o primeiro filho”.⁴

Em *Barracão* (1963), romance cuja história ocorre na Amazônia, a voz narrativa referencia a passagem em que Abraão intercede pelos justos de Sodoma, enriquecendo a sua própria narrativa: “Falava ao Senhor interpelando-o com o mesmo indignado assombro com que Abraão pedia ao Criador clemência para os habitantes de Sodoma que fossem isentos de pecado – ‘Destruirás também o justo com o ímpio?’”.⁵ Além desta, há outras revisitações ao Texto Santo: menção a João Batista;⁶ a relação de Sara com a serva egípcia, Agar;⁷ a história de Davi,⁸ etc.

¹ BEREZIN, 1997, p. 187-188.

² As referências bíblicas do Antigo Testamento utilizadas neste trabalho foram extraídas da Bíblia Hebraica (2006) e as menções ao Novo Testamento foram retiradas da Bíblia de Jerusalém (1985).

³ ROSENBLATT, 1951, p. 182.

⁴ ROSENBLATT, 1951, p. 114-115.

⁵ ROSENBLATT, 1963, p. 59.

⁶ ROSENBLATT, 1963, p. 104.

⁷ ROSENBLATT, 1963, p. 187.

⁸ ROSENBLATT, 1963, p. 190.



Para quem escreve, mencionar, referenciar, citar é uma constante prática. Há sempre algo que já foi dito e que, em algum momento, será revisitado. Antoine Compagnon em *O trabalho da citação* observa que a “citação é um corpo estranho em meu texto, porque ela não me pertence, porque me apropriou dela”.⁹ Dessa maneira, segundo ele, o ato de citar perpassa, em um primeiro momento, por um texto que é lido e relido. Assim, a leitura é interrompida por algo que toma a atenção, então, extrai-se. E este, que antes era somente um fragmento, torna-se um novo texto. Membro escolhido, recortado e recontado. É isso o que Sultana Levy Rosenblatt mostra em alguns de seus textos.

Outras obras de Rosenblatt também revisitam/recontam a matéria bíblica, como é o caso dos contos: *As aventuras de Jonas* (2001), *David e Golias* (2002), *A história da rainha Esther* (2002), *O segredo de Sansão* (2005) e *E Michal amava David* (2006), versões mais poéticas e dramáticas dessas narrativas. Esses contos foram publicados e podem ser acessados na revista de temática judaica, *Morashá*. Enquanto alguns de seus romances apenas citam, vez ou outra, passagens da Bíblia, estes cinco textos são, na íntegra, material bíblico que receberam aditamentos.¹⁰ Assim sendo, este trabalho estuda a presença de motivos bíblicos e investiga como eles foram inseridos nos contos referenciados, isto é, como foram tematizados, considerando as concepções adotadas por Wolfgang Kayser (1976) e Raymond Trousson (1988).

A propósito do conceito de conto, Sales e Furtado destacam-no como um gênero narrativo em prosa, geralmente, caracterizado por sua pequena extensão e constituído por uma trama que apresenta uma determinada situação, e não diversas, como acontece no romance, por exemplo.¹¹ Nesse sentido, no conto o “desencadeamento das ideias do seu enredo se dá de forma simples, sem interrupção, nem divagações, pois o objetivo principal é conduzir o leitor ao epílogo, que será o desfecho da história”.¹²

1 Motivos bíblicos em contos de Sultana Levy Rosenblatt

O que são motivos? E por que os chamamos de motivos bíblicos? Para Wolfgang Kayser, os motivos são unidades que impulsionam uma ação, que surgem em diferentes combinações e com bastante frequência no contexto literário.¹³ Na clássica

⁹ COMPAGNON, 1996, p. 39.

¹⁰ Sobre este assunto, há o capítulo intitulado “A literatura midráshica em contos de Sultana Levy Rosenblatt” (2022), de autoria de Alessandra Conde da Silva e Maria Nadiane Simões, publicado no livro *Amazônia judaica 20 anos depois: história, memória, tradição e cultura*, organizado por Elias Salgado e Regina Igel.

¹¹ SALES; FURTADO, 2009, p. 52-53.

¹² SALES; FURTADO, 2009, p. 53.

¹³ KAYSER, 1976, p. 57.



peça teatral *Romeu e Julieta*, destaca-se o amor entre pessoas de famílias inimigas e a ilusória morte da pessoa amada, como exemplos de motivos. Muitas vezes, eles são associados ao assunto. Este, no entanto, é “fixo quanto ao local, ao tempo e às figuras. O assunto de Romeu e Julieta é a história deste mancebo, chamado Romeu, e desta rapariga, chamada Julieta, filhos de tais pais, que vivem em tal cidade italiana e têm este ou aquele destino”.¹⁴ Assim, um assunto pode ser constituído de inúmeros motivos. Sobre isso, Kayser discorre:

O motivo é uma situação típica que se repete, e, portanto, cheia de significado humano. Neste carácter de situação reside a capacidade dos motivos de apontar um <<antes>> e um <<depois>>. A situação surgiu, e a sua tensão exige uma solução. Os motivos são dotados de força motriz, o que justifica afinal a sua designação de <<motivo>> (derivado de <<movere>>).¹⁵

Raymond Trousson, sobre a confusão existente entre os conceitos de tema e motivo, enfatiza que é necessário caracterizar cada termo com um conteúdo definido, visto que, frequentemente, atribuem-se ao tema elementos do motivo e vice-versa.¹⁶ Como motivo, denomina-se “quer uma certa atitude – por exemplo a revolta – quer uma situação por base, impessoal, em que os actores não foram ainda individualizados – por exemplo as situações do homem entre duas mulheres, a oposição entre dois irmãos, entre pai e filho, etc.”.¹⁷ A definição de tema assemelha-se bastante ao conceito de assunto discutido por Kayser. Acerca do tema, Trousson escreve:

O que é um tema? Estabelecemos denominar assim a expressão particular de um motivo, a sua individualização ou, se quiser, a passagem do geral ao particular. Dir-se-á que o motivo da sedução se encarna, se individualiza e se concretiza na personagem de Don Juan; o motivo da criação artística no tema de Pigmalião; o motivo da oposição entre a consciência individual e a razão de Estado no tema de Antígona; o motivo da ignorância religiosa e filosófica no tema de Sócrates. Por um processo idêntico de individualização e de particularização, a situação característica da oposição entre dois irmãos, que é um motivo, torna-se tema quando tem por protagonistas Prometeu e Epimeteu ou Etéocles e Polínices ou Abel e Caim; o amor

¹⁴ KAYSER, 1976, p. 57.

¹⁵ KAYSER, 1976, p. 57.

¹⁶ TROUSSON, 1988, p. 19.

¹⁷ TROUSSON, 1988, p. 19.



incestuoso e a rivalidade pai-filho cristaliza-se no tema de Édipo; o motivo da mulher traída e abandonada em Medeia.¹⁸

Nessa perspectiva, Trousson defende que o motivo corresponde a uma situação geral e indefinida, algo abstrato que está relacionado com as experiências humanas, a mulher infeliz, por exemplo.¹⁹ O tema, no entanto, é a delimitação de um motivo que pode estar relacionado a um personagem ou a uma situação, ambos impregnados na literatura. Desse modo, Tristão e Isolda é um tema, possivelmente, derivado do motivo amores contrariados. Com isso, conclui-se que, “o motivo, elemento não literário, (...), é matéria da literatura. (...). O tema é, logo de início, objecto literário, porque ele não existe senão a partir do momento em que o motivo se exprimiu numa obra”.²⁰

Nesse contexto, levando em consideração as definições pré-estabelecidas, pretende-se discutir acerca dos motivos presentes nos cinco contos de Sultana Levy Rosenblatt. Além disso, é importante ressaltar que, buscou-se utilizar neste estudo a expressão motivos bíblicos em razão deles se repetirem na literatura bíblica, e também, na midráshica. Motivos esses que a escritora Rosenblatt procurou conservar em grande parte de suas narrativas.

Alguns motivos como a missão, o medo, a fuga e a desobediência podem ser identificados no conto “As aventuras de Jonas”.²¹ Em muitas obras literárias, a missão é constantemente apresentada, como é no caso de Jonas. De modo direto, fazendo uso do imperativo, o Eterno diz: “Jonas, levanta-te; vai à grande cidade de Nínive e anuncia que ela será destruída porque o povo vive em pecado”.²² Então, eis a missão a ser cumprida. Sobre ela se firma todo o desenvolvimento da narrativa.

A partir do momento em que o jovem foi incumbido de anunciar a destruição de Nínive, outros motivos, consequências deste diálogo com Deus, começam a surgir:

O quê? Ir a Nínive anunciar sua destruição? Nínive era uma grande cidade, muito populosa. Se ele chegasse lá apregoando seu fim e nada acontecesse, iriam chamá-lo de embusteiro e o matariam a pedradas. Não, nessa ele não cairia. O que poderia fazer? Fugir. Decidiu então ir para outra cidade. Encontrou um barco que já estava saindo, comprou a passagem e se foi.²³

¹⁸ TROUSSON, 1988, p. 19-20.

¹⁹ TROUSSON, 1988, p. 21.

²⁰ TROUSSON, 1988, p. 22.

²¹ IONÁ 1-4.

²² ROSENBLATT, 2001.

²³ ROSENBLATT, 2001.



É possível perceber, no fragmento acima, a manifestação de três novos motivos: o medo de Jonas, ao imaginar que poderia ser morto pelos habitantes da cidade sentenciada; a fuga, ao decidir viajar para outro local ao invés de ir para Nínive e, conseqüentemente, a desobediência, por não cumprir a ordem recebida do Altíssimo. Medo, fuga e desobediência norteiam as atitudes de Jonas até o desfecho da narrativa quando, após passar três dias dentro de um grande peixe, ele, arrependido de sua má conduta, resolve cumprir o que lhe fora ordenado.

“A história da rainha Esther”²⁴ abarca o motivo clássico da donzela bonita e desamparada, como se vê a seguir: “Ora, havia um homem chamado Mordechai, oriundo de Jerusalém, residente em Susan. Esse homem criara como sua, a filha de um tio, órfã de pai e mãe. Chamava-se Esther. Era lindíssima”.²⁵ Sendo de condição social inferior, a jovem de fascinante beleza encanta um homem de classe social abastada e poderosa, neste caso, o monarca com quem ela acaba casando-se. Sobre ele, a voz narrativa afirma:

Há muitos e muitos anos passados, havia um monarca muito poderoso que reinava desde a Índia até a Etiópia, sobre cento e vinte e sete províncias. Chamava-se Assuero e sua esposa, Vashti, era a mais bela mulher de toda a região. No terceiro ano do seu reinado, Assuero convidou todos os príncipes das outras províncias para lhes mostrar, durante 180 dias, a riqueza e magnificência do seu reino.²⁶

O rei queria mostrar aos seus convidados sua maior riqueza, a rainha. Porém, ela recusou-se, afirmando que não era boneca para ficar amostra. Assuero sentiu-se extremamente contrariado e mandou Vashti embora. Apesar da dor que desolava seu coração, era necessário escolher uma substituta. O conto revela que “a saudade de Vashti apagava a beleza das candidatas. Nenhuma lhe agradava. Até que chegou Esther. E foi amor à primeira vista. ‘Como és linda!’, repetia ele, fascinado”.²⁷ Esther era uma jovem lindíssima, atributo que contou bastante para que fosse escolhida dentre as moças do reino para ocupar o lugar da rainha que havia sido destronada.

A perseguição e o heroísmo de Esther são dois outros motivos bem marcados no conto. Por ser judia, a nova rainha precisou esconder do rei sua origem, até que certo dia seu povo se encontrou ameaçado. Haman, o segundo homem mais importante do reino, exigia que todos demonstrassem reverência à sua presença. No entanto,

²⁴ ESTER 1-10.

²⁵ ROSENBLATT, 2002.

²⁶ ROSENBLATT, 2002.

²⁷ ROSENBLATT, 2002.



Mordechai, tio de Esther, por obediência ao seu Deus e para não cometer idolatria, não cumpriu tal exigência, o que fez Haman passar a odiar todos os judeus.

Com isso, ele conseguiu uma ordem do rei para que em todas as províncias do reino os judeus fossem exterminados. Diante de tal perseguição, Esther precisou ser corajosa, uma verdadeira heroína, revelando sua condição judaica ao rei e pedindo clemência pelos seus irmãos, o que resultou em final feliz, conforme relata o conto: “Assuero perguntou novamente: ‘Qual é a tua petição, rainha Esther? E qual o teu requerimento? Até metade do reino te será dado’”.²⁸

Kayser declara que a análise dos motivos em uma obra literária tem suas particularidades. Visto que a narrativa evolui de acordo com a execução das cenas, e considerando os motivos sob um ponto de vista que se manifesta no decorrer das ações, eles podem ser classificados em motivos centrais e motivos subordinados.²⁹Então, verifica-se que em alguns textos, um determinado motivo pode ser o centro da temática abordada, como a missão em “As aventuras de Jonas” e a força sobrenatural em O segredo de Sansão. De tal modo, percebe-se que o motivo da incrível força enfatizado no texto bíblico e no conto de Rosenblatté também facilmente associado a temas, como a do próprio Sansão e a do semideus da mitologia grega Hércules.

Nessa perspectiva, em O segredo de Sansão,³⁰ outros motivos subordinados podem ser destacados. Na mãe de Sansão vê-se o motivo da mulher que não pode engravidar e que, após receber uma visita celestial, gera um filho, isto é, a mulher sem filhos e a mulher agraciada. No conto de Rosenblatt, o narrador atribui um nome à mãe de Sansão, que no texto bíblico é conhecida como a mulher de Manoá:

Sua mãe, Zlelponith, era uma mulher boa e humilde. (...) nunca sorria, não porque estivesse cansada, mas pela tristeza de não ter filhos. Lá um dia ela viu a figura de um homem, era um anjo do Eterno, disfarçado, que assim falou: ‘Alegra-te, terás um filho.’³¹

A imagem da mulher estéril, de idade avançada, ou virgem, esta ainda impossibilitada de viver a maternidade, é pintada repetidas vezes na Bíblia, do Antigo ao Novo testamento: em Sara, mãe de Isaac;³² Rebeca, mãe de Esaú e Jacó;³³

²⁸ ROSENBLATT, 2002.

²⁹ KAYSER, 1976, p. 59.

³⁰ SHOFETIM 13-16.

³¹ ROSENBLATT, 2005.

³² BERESHIT 17: 16-19.

³³ BERESHIT 25: 20-25.



em Raquel, mãe de José;³⁴ na mãe de Sansão;³⁵ em Ana, mãe de Samuel;³⁶ Isabel, mãe de João Batista³⁷ e em Maria, mãe de Jesus.³⁸

Motivo que, de certo modo, é considerado recorrente em textos literários, pode ser encontrado no conto em questão: o amor entre filhos de famílias inimigas, isto é, o amor entre rivais:

De repente, Sansão surpreendeu os pais com uma novidade. Tendo descido um dia a Timnat, onde viviam os filisteus, encontrara entre eles a moça que desejava para esposa, a quem ele encantara. Queria casar-se. Os pais protestaram, contrários ao casamento. "Com tanta moça bonita entre o seu povo, ia ele procurar uma filha dos inimigos?".³⁹

Neste contexto, destaca-se também o motivo da traição pela pessoa amada. Em "O segredo de Sansão", esta ação se configura em duas mulheres. A primeira é a filha dos filisteus com quem o jovem judeu pretendia se casar. Esta moça o traiu revelando a resposta de um enigma que ele propôs a trinta rapazes durante os festejos matrimoniais. Sansão, enfurecido com a atitude da noiva, desistiu do casamento. A segunda mulher é Dalila. Ambiciosa e de caráter duvidoso, ela descobre o segredo da força de Sansão e o revela aos inimigos filisteus, em troca de algumas moedas de prata. Por conta dessa atitude de Dalila, Sansão perdeu sua força, teve os olhos arrancados e foi cruelmente torturado.⁴⁰

Há outro importante aspecto a ser enfatizado em relação aos motivos. Segundo Raymond Trousson, "alguns motivos nunca evoluem até se tornarem tema, parando numa fase de evolução que poderemos designar por tipo: assim, o motivo da avareza conduz ao tipo do avarento".⁴¹ De certo modo, isso ocorre com os motivos do medo, da fuga e da desobediência em "As aventuras de Jonas". O jovem profeta pode ser caracterizado como do tipo do medroso, do fugitivo e do desobediente. Esses motivos, no entanto, não remetem a nenhuma personagem específico, fixo, e assim, podem ser considerados mais amplos. Nesse seguimento, em "David e Golias" e em "E Michal amava David", também são perceptíveis tais ocorrências.

³⁴ *BERESHIT* 30: 1-25.

³⁵ *SHOFETIM* 13: 1-7.

³⁶ *I SHEMUEL* 1: 1-20.

³⁷ *Lucas* 1: 5-13.

³⁸ *Lucas* 1: 26-31.

³⁹ ROSENBLATT, 2005, s/p.

⁴⁰ ROSENBLATT, 2005.

⁴¹ TROUSSON, 1988, p. 20.



David era um rapaz “de caráter pacífico e sonhador. Nas horas vagas, enquanto o rebanho pastava, ele sentava-se à sombra de uma árvore, tocando na harpa músicas de sua própria autoria”.⁴² As características descritas acima exprimem em David, o caçula da família, uma personalidade de mansidão, de quem, possivelmente, não se esperaria uma atitude de tamanha coragem, como quando decidiu que iria enfrentar o temível gigante: “E mostrando uma bravura que surpreendeu os soldados e os fez rir, declarou: ‘Eu mataria o Golias!’”.⁴³ Aqui, o motivo de David, como músico sonhador evolui. O narrador se vale de um novo motivo para o representar, a bravura.

A luta é um motivo que normalmente acompanha o clímax de uma narrativa de aventura, como em “David e Golias”,⁴⁴ que é um recorte da vida do rei David. Este conto, dentre outras cenas, discorre sobre o marcante conflito entre o jovem pastor de ovelhas e o gigante capitão do exército filisteu. Segundo o narrador: “Golias avançou e David também avançou, enfrentando-o. [...] o pastorzinho tirou um seixo do alforje, colocou-o na baladeira, atirou. A pedra voou e penetrou na testa do filisteu, fazendo-o perder o equilíbrio e cair de bruços, com a cara afundada na terra”.⁴⁵

Os motivos coragem, luta e vitória estão intrinsecamente ligados. O corajoso luta, e quase sempre, sai vitorioso. Dentre os motivos subordinados do conto, está a vitória do protagonista que, em meio a tantas adversidades, aparentava, para muitos, ser incapaz de alcançar tamanho prodígio, vencer o gigante inimigo: “Assim, David, tendo por arma apenas uma baladeira, derrotou o mais temível filisteu e pôs em debandada o seu exército. Então o povo de Israel saiu pelas ruas aclamando David”.⁴⁶ A vitória – não somente no sentido de vencer batalhas – como motivo bíblico, é recorrente, em diferentes histórias e protagonistas. É possível percebê-la, por exemplo, na trajetória de José do Egito;⁴⁷ com os jovens Sadraque, Mesaque e Abede-Nego⁴⁸ e na história de Ester,⁴⁹ entre outras.

Em E Michal amava David,⁵⁰ narram-se as experiências amorosas entre David e Michal. O amor, evidentemente, é um dos motivos centrais. Neste caso, o amor ou as manifestações do sentimento se desenvolvem, de certa forma, somente na personagem feminina. Em alguns momentos do texto, a voz narrativa enfatiza de

⁴² ROSENBLATT, 2002.

⁴³ ROSENBLATT, 2002.

⁴⁴ I *SHEMUEL* 16-18.

⁴⁵ ROSENBLATT, 2002.

⁴⁶ ROSENBLATT, 2002, n.p.

⁴⁷ *BERESHIT* 41: 40-50.

⁴⁸ *Daniel* 3: 20-30.

⁴⁹ *Ester* 5: 1-3.

⁵⁰ I e II *SHEMUEL* 16-26; 3-6.



maneira insistente os sentimentos de Michal por David: “Michal, sua filha, amava David”, “Michal, que amava David”, “E Michal, sua esposa, fiel ao marido”.⁵¹ Deduz-se que o amor de David pertencia à Merab, irmã mais velha de Michal. Foi por ela que David enfrentou Golias, com ela almejava casar-se. Neste conto, o amor feminino e fiel pode ser visto em Michal, de modo mais explícito.

Em certo momento, percebe-se um gesto de David para com Michal, que pode ter sido apenas gratidão, ou desejo de posse. David, depois de muito tempo longe da primeira esposa, ao retornar para a terra de Israel, manda que a tragam de volta: “Assim se passaram vários anos até Michal voltar a se reunir com David. Este já era Rei de Judá, tinha várias esposas e filhos (...). David envia, então, mensagem a Ishboshet, pedindo para si, oficialmente, sua primeira esposa: ‘Dá-me a minha mulher, Michal’”.⁵² Neste episódio, não se explicita o sentimento do guerreiro em relação à filha do rei. O teor bíblico permanece. Não há a construção de um novo motivo.

As vitórias de David, destacadas no conto anterior, causam em Saul reações diversas. Uma delas, enfatizada em E Michal amava David, é a inveja: “Ao ver David vencer Golias dessa maneira extraordinária, Saul começou a temê-lo, porque D'us estava com o jovem; e a inveja tomou conta de seu coração”.⁵³ O motivo da inveja expressada por Saul provocou outro motivo: a perseguição. Por conta do êxito com que David executava suas tarefas, o soberano tinha cada vez mais medo de perder o trono. A partir de então, Saul começou a procurar maneiras para matar David, perseguindo-o insistentemente, conforme se vê no conto:

Ao voltar, sempre vencedor, as mulheres de todas as cidades saíam pelas ruas cantando e dançando, para festejar a vitória: ‘Saul feriu os seus milhares, porém David, as suas dezenas de milhares’. A canção enfureceu Saul, cujo espírito estava perturbado. Via em David um rival. Urgia eliminá-lo. Procurava a oportunidade de lhe atribuir algum ato de rebeldia para poder liquidá-lo. Tornou-se esta a sua constante obsessão. Um dia, ‘assaltado por espíritos malignos’ provocados pela inveja, enquanto David dedilhava a harpa para o acalmar, Saul alvejou-o com a lança tentando matá-lo. David, porém, desviou-se, rápido duas vezes, e a arma cravou-se na parede.⁵⁴

⁵¹ ROSENBLATT, 2002, n.p.

⁵² ROSENBLATT, 2002, n.p.

⁵³ ROSENBLATT, 2002, n.p.

⁵⁴ ROSENBLATT, 2002.



Além desses, outros motivos subordinados, entrelaçados ao comportamento de Saul em relação a David, podem ser percebidos no conto, como a fúria e a obsessão, por exemplo. Somado a esses, a inveja e a perseguição caracterizam-se também, por motivos que são designados por tipos, como descreve Trousson.⁵⁵ Nesse sentido, em Saul tem-se o tipo do invejoso, do perseguidor, do furioso e do obsessivo. Tais adjetivos configuram-se por tipos, haja vista que, quando se encontram esses motivos, eles não referenciam nenhum tema: quando se diz o perseguidor ou invejoso, não se pensa em Saul ou em outra personagem qualquer, estes não transmitem uma significação delimitada como o motivo da rivalidade entre irmãos, por exemplo, que instantaneamente sinaliza Caim e Abel, Esaú e Jacó, dentre outros. Assim, a partir de um só motivo, podem surgir vários temas.⁵⁶

Considerações finais

Neste estudo, foi analisado como se deu a configuração dos motivos bíblicos em alguns contos de Sultana Levy Rosenblatt. Eles foram concebidos no âmbito deste trabalho como aqueles que se repetem na tradição bíblica judaica e que se mantêm no *Midrash*. Nessa perspectiva, considerando que os “temas bíblicos abriram, sem dúvida, um caminho de devoção literária à Bíblia Sagrada”,⁵⁷ firma-se a ideia de que estes, assim como os motivos, são referências para outros escritos. Para Lyslei Nascimento, as “estratégias de apropriação e de reescrita das histórias bíblicas alcançam (...) os estudos literários contemporâneos, sobretudo, a partir de uma consciência da arte como recriação e do texto sagrado como um arquivo que ‘pesou na imaginação do Ocidente’ como nenhuma outra tradição religiosa”.⁵⁸

Portanto, com esta investigação, foi possível perceber que os motivos apresentados nas narrativas bíblicas, em sua maioria, mantiveram-se nos contos de Rosenblatt. Em alguns casos, foram elaborados e/ou desenvolvidos, porém, buscando preservar o teor bíblico. Somente em “E Michal amava David” encontra-se uma exceção. Há, aqui, o surgimento de um novo motivo, o amor feminino, aspecto romantizado no texto literário e que não consta, dessa maneira, na Bíblia.

Referências

BEREZIN, Rifca. Projeções da Bíblia na literatura hebraica: O “Midrash” moderno. In: LEWIN, Helena (org.). *Judaísmo: memória e identidade*. v. 1. Rio de Janeiro: UERJ, 1997. p. 187-200.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1985.

⁵⁵ TROUSSON, 1988, p. 20.

⁵⁶ TROUSSON, 1988, p. 23.

⁵⁷ PARREIRA, [s.d.].

⁵⁸ NASCIMENTO, 2018, p. 20.



BÍBLIA HEBRAICA. *Baseada no Hebraico e à luz do Talmud e das Fontes Judaicas*. Tradução de David Gorodovits e Jairo Fridlin. São Paulo: Editora & Livraria Sêfer, 2006.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

KAYSER, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária: Introdução à ciência da literatura*. Coimbra: Coleção Stvdivm, 1976, p. 56-61.

NASCIMENTO, Lyslei. Mosaico e bricolagem no romance bíblico de Richard Zimler. *Letras*, Belo Horizonte, v. 1, p. 20 – 20, 29 dez. 2018. Disponível em: <https://letras.cidadescriativas.org.br/2019/01/04/mosaico-e-bricolagem-no-romance-biblico-de-richard-zimler/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PARREIRA, João Tomaz. *A Bíblia e a literatura - o livro da fundação de tudo*. Disponível em: https://www.academia.edu/4094962/A_B%C3%ADblia_e_a_Literatura. Acesso em: 16 dez. 2022.

ROSENBLATT, Sultana Levy. *Uma grande mancha de sol*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.

ROSENBLATT, Sultana. *Barracão*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1963.

ROSENBLATT, Sultana Levy. Como viemos parar na Amazônia. *Revista Morasha*, n. 30, setembro de 2000. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/brasil/como-viemos-parar-na-amazonia.html>. Acesso em: 5 nov. 2022.

ROSENBLATT, Sultana Levy. As aventuras de Jonas. *Revista Morasha*, n. 34, set. 2001. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/cronicas-e-contos/as-aventuras-de-jonas.html?q=Sultana>. Acesso em: 5 nov. 2022.

ROSENBLATT, Sultana Levy. David e Golias. *Revista Morasha*, n. 36, março de 2002. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/cronicas-e-contos/david-e-golias.html?q=Sultana>. Acesso em: 5 nov. 2022.

ROSENBLATT, Sultana, Levy. A história da rainha Esther. *Revista Morasha*, n. 39, dez. 2002. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/mulheres-biblicas/ahistoria-da-rainha-esther.html?q=sultana%20levy>. Acesso em: 5 nov. 2022.

ROSENBLATT, Sultana Levy. O segredo de Sansão. *Revista Morasha*, n. 51, dez. 2005. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/profetas-e-sabios/o-segredo-de-sansao.html?q=Sultana>. Acesso em: 5 nov. 2022.

ROSENBLATT, Sultana Levy. E Michal amava David. *Revista Morasha*, n. 54, set. 2006. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/cronicas-e-contos/e-michal-amava-david.html?q=Sultana>. Acesso em: 5 nov. 2022.



SALES, Germana Araújo; FURTADO, Marli Tereza. *Teoria do Texto Narrativo*. Belém: EDUFPA, 2009.

SULTANA LEVY ROSENBLATT. In: *Dicionário de Escritores Judeus no Brasil*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/nucleos/nej/#:~:text=Fundado%20em%202005%20na%20Universidade,na%20%C3%A1rea%20dos%20Estudos%20Judaicos>. Acesso em: 10 dez. 2022.

TROUSSON, Raymond. Temas ou motivos? In: __. *Temas e mitos: Questões de método*. Tradução de Tereza Castro Rodrigues. Lisboa: Livros Horizontes, 1988, p. 18-27.

Recebido em: 07/09/2023.

Aprovado em: 30/09/2023.